

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

A OBRA DE DEUS MANIFESTADA POR MEIO DAS DEFICIÊNCIAS

YURI ELOI BRAZ DA SILVA

São Paulo

2025

YURI ELOI BRAZ DA SILVA

A OBRA DE DEUS MANIFESTADA POR MEIO DAS DEFICIÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final no curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me Marcos de Almeida

São Paulo

2025

SILVA, Yuri Eloi Braz da. A OBRA DE DEUS MANIFESTADA POR MEIO DAS DEFICIÊNCIAS. Yuri Eloi Braz da Silva. – São Paulo, 2025. 48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2025.

1. Deficiências. 2. Sofrimento. 3. Acolhimento. 4. Autismo. 5. Mal.

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

YURI ELOI BRAZ DA SILVA

A OBRA DE DEUS MANIFESTADA POR MEIO DAS DEFICIÊNCIAS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me Marcos de Almeida - Orientador

DEDICATÓRIA

Esta obra é dedicada

ao Senhor Jesus Cristo. Escolhido de Deus para resgatar a humanidade. Aguardamos ansiosamente o seu retorno!

à minha maravilhosa Sol, amor da minha vida. Você me completa! Sou muito grato a Deus por você!

à minha princesinha Sophia. Em você pude experimentar um vislumbre do amor que Deus tem pelos seus filhos! Te amo!

à minha princesinha Sarinha. Em você pude experimentar o aperfeiçoamento de Deus por meio das minhas fraquezas! Te amo!

ao meu pai Luiz e à minha mãe Amparo (*in memoriam*); vocês me deram o amor e a instrução que formaram meu caráter. Muitíssimo obrigado!

aos meus irmãos Paulinha e Juninho. Vocês são meus maiores amigos!

AGRADECIMENTOS

ao Professor Me. Marcos de Almeida, piedoso pastor-mestre, que instrui e pastoreia seus alunos com amor e dedicação. Enxergamos em ti a perfeita combinação de erudição e piedade.

a todo o corpo docente da nossa querida Teológica. Devo a cada um de vocês um pedacinho deste trabalho.

à fraternidade da PIB Penha e da AD Vila União. Suas orações produzem efeitos poderosos.

aos amigos da sala de aula. Vocês tornaram a jornada mais leve, agradável e edificante.

Disse-lhe o Senhor: “Quem deu boca ao homem? Quem o fez surdo ou mudo? Quem lhe concede vista ou o torna cego? Não sou eu, o Senhor? Agora, pois, vá; eu estarei com você, ensinando-lhe o que dizer.

Êxodo 4:11-12

RESUMO

Este trabalho pretende demonstrar que Deus pode manifestar suas obras por meio das deficiências e do sofrimento humano. No início, apresenta a definição de deficiência; depois, mostra seus impactos na saúde e educação embasado em dados estatísticos. Além disso, analisa diferentes perspectivas sobre o problema do mal, incluindo abordagens filosóficas e teológicas, bem como as consequências de visões equivocadas sobre o sofrimento.

O texto também explora a doença como uma oportunidade para a manifestação da obra de Deus, tomando como referência o relato da cura do cego de nascença no Evangelho de João. Destaca, ainda, o papel da igreja local na inclusão de pessoas com deficiência, apresentando um panorama histórico acerca de exclusão social e dos avanços na eliminação de barreiras. O trabalho enfatiza a importância do cuidado com as pessoas com deficiências e seus cuidadores e incentiva que as igrejas promovam treinamentos para seus familiares, líderes e membros.

Por fim, categoriza os diversos tipos de deficiência, proporcionando uma visão abrangente do tema e suas implicações.

Palavras-chaves: Deficiência; Sofrimento; mal; cego; cura; inclusão social; acolhimento.

ABSTRACT

This paper aims to demonstrate that God can manifest His works through human disabilities and suffering. It begins by presenting the definition of disability, followed by an analysis of its impact on health and education, supported by statistical data. Additionally, it examines different perspectives on the problem of evil, including philosophical and theological approaches, as well as the consequences of misguided views on suffering.

The text also explores illness as an opportunity for the manifestation of God's work, using the account of the healing of the man born blind in the Gospel of John as a reference. Furthermore, it highlights the role of the local church in the inclusion of people with disabilities, providing a historical overview of social exclusion and progress in eliminating barriers. The paper emphasizes the importance of caring for individuals with disabilities and their caregivers and encourages churches to offer training for families, leaders, and members.

Finally, it categorizes the various types of disabilities, providing a comprehensive view of the subject and its implications.

Keywords: Disability; Suffering; Evil; Blindness; Healing; Social Inclusion; Welcoming.

LISTA DE ABREVIATURAS

AMAI	Amar, Acolher e Incluir
AVC	Acidente vascular cerebral
GPAMDA	Grupo Presbiteriano de Apoio a Mães de Atípicos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Libras	Língua Brasileira de Sinais
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organizações das Nações Unidas
PNAD Contínua	Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua
RAAFA	Rede Adventista de Apoio à Família Autista
RS	Rio Grande do Sul
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A REALIDADE DAS DEFICIÊNCIAS E DO SOFRIMENTO NA EXPERIÊNCIA HUMANA	14
1.1 Definição de deficiência.....	14
1.2 As deficiências em números.....	15
1.3 Os impactos das deficiências.....	15
2. PERSPECTIVAS ACERCA DO MAL E DAS DEFICIÊNCIAS.....	17
2.1 Perspectivas Filosóficas e Teológicas sobre o problema do mal	17
2.2 Concepções populares sobre o mal – abordagens presentes no senso comum.....	19
2.3 Consequências das visões equivocadas sobre o sofrimento.....	21
2.3.1 Ausência de fé - Ceticismo.....	21
2.3.2 Excessos na fé - Decepção.....	22
3. A DOENÇA COMO OPORTUNIDADE PARA DEUS FAZER SUA OBRA	25
3.1 Uma breve introdução ao Evangelho de João.....	25
3.2 A cura do cego	27
4. A IGREJA LOCAL ACOLHEDORA.....	32
4.1 Um breve histórico social sobre a deficiência.....	32
4.2 Da exclusão à inclusão social	34
4.3 A eliminação de barreiras	35
4.4 Cuidando de quem cuida	36
4.5 Promoção de capacitação para pais, cuidadores e membros da igreja	38
4.6 Tipos de deficiências	39
4.6.1 Deficiência física.....	39
4.6.2 Deficiência auditiva.....	40
4.6.3 Deficiência visual.....	40
4.6.4 Deficiência intelectual.....	40
4.6.5 Transtorno do Espectro Autista (TEA)	41

4.6.6 Deficiência múltipla.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE, quase 10% da população brasileira possui algum tipo de deficiência. Muitas destas pessoas, seus familiares e amigos questionam o motivo da existência de tantas deficiências, se há algum tipo de cura que podem obter por meio de intervenção espiritual e, em última análise, se haveria algum propósito para este sofrimento.

Neste cenário, como as igrejas estão se estruturando para acolher estas pessoas e seus familiares? E qual resposta bíblica deve ser dada à pessoa que procura a igreja com a finalidade alcançar a cura divina ou aplacar seu sofrimento?

Existem instituições religiosas que promovem eventos específicos, normalmente chamados de “campanhas” ou “cultos de libertação”, cujo objetivo é a busca de cura. Ocorre que muitas delas não são curadas e acabam se frustrando com o Evangelho.

Além disso, com o aumento dos cultos televisionados ou transmitidos pela internet, crescem as acusações de curandeirismo, charlatanismo e estelionato religioso.

Por outro lado, há instituições cristãs desenvolvendo trabalhos sérios, que promovem acolhimento, apoio, promoção de bem-estar e conforto a pessoas com deficiências e seus familiares, além de demonstrarem que Deus pode agir por meio destas limitações e dificuldades humanas, sem, necessariamente, realizar uma cura física.

A igreja cristã sempre realizou trabalhos de acolhimento e de promoção de cuidados aos enfermos. Ocorre que alguns grupos envidam esforços apenas na busca de curas miraculosas e deixam de anunciar que o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza e que sua obra pode ser manifestada por meio das doenças e deficiências. Este trabalho pretende fornecer bases bíblicas que demonstrem que Deus pode manifestar seus propósitos por meio das limitações humanas.

Nesta pesquisa pretendemos expor argumentos bíblicos que demonstrem que o sofrimento é uma realidade inerente à humanidade pós-queda, que Deus não tem

nenhum prazer em ver o sofrimento do ser humano e que pode ressignificar as dores humanas.

Ao final, pretendemos incentivar que as igrejas busquem se preparar para acolher os deficientes e seus familiares, e responder, de forma bíblica, como Deus enxerga o sofrimento humano e é capaz de demonstrar sua obra por meio das deficiências.

1. A REALIDADE DAS DEFICIÊNCIAS E DO SOFRIMENTO NA EXPERIÊNCIA HUMANA

Discorrer sobre deficiências é um trabalho árduo, visto que o assunto é amplo e pode ser analisado por diversas vertentes como, por exemplo, sociológica, cultural, econômica, histórica, médica, jurídica etc.

Neste capítulo traremos um breve panorama estatístico e histórico das deficiências. Mas, antes disso, necessário definir o que é deficiência.

1.1 Definição de deficiência

A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, assinada em Nova York, em 30 de março de 2007, conduzida pelas Organizações das Nações Unidas (ONU), a qual foi ratificada pelo Brasil por meio do Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009, traz a seguinte definição:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas¹.

De acordo com o decreto mencionado, o propósito da Convenção é de “promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente”.

Quantas pessoas se enquadram neste conceito de deficiências? E quais suas principais dificuldades?

¹ BRASIL. Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em 01/05/2025.

1.2 As deficiências em números

De acordo com informações disponibilizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS)², existem 1,3 bilhão de pessoas vivendo com deficiência significativa, o que representa 16% da população mundial.

No Brasil os números também são grandiosos. A Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2022³ realizada pelo IBGE, indica que o Brasil possui 18,6 milhões de pessoas com deficiência com dois anos ou mais de idade, o que corresponde a 8,9% da população brasileira nessa faixa etária.

1.3 Os impactos das deficiências

Na pesquisa mencionada foram mapeadas algumas das dificuldades enfrentadas por estas pessoas, com destaque para as seguintes:

- dificuldades para andar ou subir degraus (3,4%);
- dificuldade para enxergar, mesmo usando óculos ou lentes de contato (3,1%);
- dificuldade para ouvir, mesmo usando aparelhos auditivos (1,2%);
- dificuldade para levantar uma garrafa com dois litros de água da cintura até a altura dos olhos (2,3%);
- dificuldade para pegar objetos pequenos ou abrir e fechar recipientes (1,4%);
- dificuldade para aprender, lembrar-se das coisas ou se concentrar (2,6%);
- dificuldade para realizar cuidados pessoais como tomar banho, se calçar, se pentear, escovar os dentes ou se vestir (1,2%);
- dificuldade de se comunicar, compreender e ser compreendido (1,1%).

É possível verificar que pessoas com deficiências enfrentam diversos desafios, incluindo educacionais, financeiros, psicológicos e até de expectativa de vida.

² Dados disponibilizados no portal da Organização Mundial da Saúde – OMS. Disponível em <https://www.who.int/health-topics/disability#tab=tab_2>. Acesso em 01/05/2025.

³ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022, p. 3-4. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102013_informativo.pdf>. Acesso em 01/05/2025.

Na Contínua 2022⁴, o IBGE também identificou significativos impactos na Educação. Quanto à taxa de analfabetismo, verificou-se que 5,7% da população nacional é analfabeta, mas, nas pessoas com deficiência, a taxa é de 19,5% contra 4,1% daquelas sem deficiência.

Sobre a escolaridade, a pesquisa apurou que, na população de até 25 anos de idade que concluíram o ensino médio, temos o percentual de 25,6% para as pessoas com deficiência e, 57,3% para as pessoas sem deficiência. E, quanto às pessoas que concluíram o ensino superior, temos 7,0% para as pessoas com deficiência e 20,9% para as pessoas sem deficiência.

A pesquisa menciona ainda que a taxa de participação da força de trabalho no Brasil é de 62,7%, mas, entre as pessoas com deficiência, este número cai para 29,2%.

Por fim, a OMS⁵ destaca que, de modo geral, as pessoas com deficiência têm expectativa de vida menor do que aquelas sem deficiência, duas vezes mais risco de desenvolver condições como depressão, asma, diabetes, acidente vascular cerebral (AVC), obesidade ou problemas de saúde bucal, além das dificuldades com transportes, que geralmente são inacessíveis.

Os números mencionados indicam diversos problemas como desigualdades no acesso à saúde, educação e emprego, além dos problemas de discriminação, evidenciando um grande desafio para a população, governantes e igrejas, que devem se engajar na busca pela diminuição de tais diferenças.

⁴ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022, p. 4. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102013_informativo.pdf>. Acesso em 01/05/2025.

⁵ OMS, Organização Mundial da Saúde. Disponível em <https://www.who.int/health-topics/disability#tab=tab_2>. Acesso em 01/05/2025.

2. PERSPECTIVAS ACERCA DO MAL E DAS DEFICIÊNCIAS

Num rápido olhar para a história da humanidade podemos lembrar diversos acontecimentos que trouxeram grande sofrimento, incluindo catástrofes naturais, epidemias, grandes acidentes ou maldades intencionais, como comércio de escravos, genocídios, guerras, atos terroristas e tantas outras atrocidades.

Sayão⁶, citando John Hick, classifica o mal em 4 categorias: (a) mal moral, originado por seres pessoais e sendo identificado na Bíblia como pecado; (b) sensação física da dor e a angústia do sofrimento psicológico; (c) mal natural, como, por exemplo, terremotos, epidemias etc.; ou (d) mal metafísico ou inerente à criatura, que remetem à finitude, perenidade e imperfeição dos seres criados.

Rhodes⁷ afirma que George Barna⁸, em uma de suas pesquisas de opinião pública, questionou o que as pessoas perguntariam a Deus se tivessem oportunidade, descobrindo que a pergunta mais recorrente foi: Por que há tanto sofrimento no mundo?

Houve diversas tentativas de resposta para esta pergunta, tanto do ponto de vista filosófico como teológico, as quais não serão detalhadas em virtude de não estarem no escopo deste trabalho, mas não deixarão de ser mencionadas, cujos detalhes poderão ser encontrados nas obras citadas.

2.1 Perspectivas Filosóficas e Teológicas sobre o problema do mal

O questionamento sobre o problema do mal é bem antigo. A Epicuro, filósofo grego que viveu entre os anos 341 a.C. e 271 a.C., é atribuído o chamado trilema do mal.

⁶ SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. O problema do mal no antigo testamento: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 30.

⁷ RHODES, Ron. Por que Coisas Ruins Acontecem se Deus é Bom. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 12.

⁸ George Barna é o fundador do The Barna Group, uma empresa especializada em pesquisas de mercado envolvendo crenças religiosas, fé, cultura, liderança e vocação.

Hume⁹ afirma que o pensador grego, ao falar sobre a benevolência divina, alega o seguinte:

As velhas questões de Epicuro continuam ainda sem resposta. É desejosa de prevenir o mal, mas incapaz? Então é impotente. É capaz, mas não é desejosa? Então é malevolente. É capaz e desejosa ao mesmo tempo? Onde vem então o mal?

As conclusões lógicas para este dilema seriam as seguintes: ou Deus não seria onipotente, pois quer abolir o mal, mas não pode. Ou não seria totalmente bom, pois pode, mas não quer.

Carvalho¹⁰, ao analisar este tema sob a ótica Agostiniana, explica que a resposta está no livre arbítrio, visto que o homem, dotado de razão e capacidade de escolha, escolheu o mal, não havendo que se falar em culpa divina.

Majewski¹¹, ao tratar o tema, afirma que, na Teodiceia do Livre-Arbítrio, Deus preferiu criar seres livres, mesmo com a possibilidade do mal, em vez de autômatos, incapazes de errar. Além disso, este autor traz outras quatro abordagens, as quais podem ser resumidas da seguinte forma:

Teodiceia Pedagógica: onde o sofrimento e o mal seriam instrumentos para o crescimento moral e espiritual da humanidade. Acreditamos que tal argumento não se sustenta, pois há muitos casos em que o sofrimento não gera aprendizado, mas apenas dor e revolta, sendo que, em sentido contrário, muitas coisas boas podem ser vividas sem a necessidade de sofrimento.

Teodiceia Escatológica: propõe que o mal só será totalmente eliminado no final dos tempos, quando a justiça divina será estabelecida.

Teodiceia Protelada: propõe que, na consumação dos tempos, o mal será explicado. Desta forma, o sofrimento, que parece não ter sentido algum no presente, terá seu significado revelado no futuro.

Teodiceia de Comunhão: não busca explicar a origem do mal, mas enfatiza que Deus se revela no sofrimento e se compadece dos que sofrem.

⁹ HUME, David. Diálogos sobre a religião natural. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2016. p. 109.

¹⁰ CARVALHO, Guilherme Augusto de. O problema do mal em Agostinho e o Paradoxo de Epicuro. Revista Teologia Brasileira. São Paulo. Número 105, Ano 2024. p.27-41.

¹¹ MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. O problema do mal e do sofrimento: uma abordagem intelectual e pastoral. Revista Teologia Brasileira. São Paulo. Número 42, Ano 2015.

Não obstante a importância dos argumentos levantados nas análises mencionadas, não nos parece que tais perspectivas sejam aptas a trazer uma resposta satisfatória para a questão. Ademais, cremos que a Bíblia também não está preocupada em solucionar tal dilema, mas abordaremos isto mais adiante.

Além das perspectivas filosóficas, julgamos ser prudente vislumbrar o tema pela ótica popular.

2.2 Concepções populares sobre o mal – abordagens presentes no senso comum

Nelson Hungria¹², jurista brasileiro que viveu entre 1891 e 1961, ao discorrer sobre o Direito Penal, traz preciosa lição que pode ser aplicada à teologia prática:

A ciência que estuda e sistematiza o direito penal não pode fazer-se cega à realidade, sob pena de degradar-se numa sucessão de fórmulas vazias (...). Ao invés de librar-se aos pináculos da dogmática, tem de vir para o chão do átrio, onde ecoa o rumor das ruas, o vozeio da multidão, o estrépito da vida, o fragor do mundo, o bramir da tragédia humana.

Diversas entidades cristãs atuam de forma conjunta para que possam oferecer a tradução da Bíblia a todos os idiomas. De acordo com o portal da SBB¹³, 52% das línguas do mundo têm pelo menos alguma porção das Escrituras, enquanto 48% ainda não têm acesso a qualquer texto bíblico. Trata-se de um grande desafio, mas não é o único.

As pessoas convivem com seus questionamentos acerca de Deus e da existência humana. E Jesus, quando esteve ensinando, não se preocupou apenas em descarregar seus conhecimentos nas pessoas, mas buscou trazer ensinamentos práticos e, muitas vezes, respondendo aos questionamentos das pessoas em sua volta.

Da mesma forma, os cristãos precisam estar atentos ao que as pessoas estão perguntando, para poder trazer respostas bíblicas aos questionamentos contemporâneos.

¹² Hungria, Nelson. Comentários ao Código Penal. Rio de Janeiro: Forense. 1958. v I. p. 100.

¹³ SBB - Sociedade Bíblica do Brasil. Panorama da Tradução da Bíblia. Disponível em <<https://www.sbb.org.br/a-traducao-da-biblia-hoje>>. Acesso em 02/05/2025.

Alguns entendem que no mundo há sofrimento porque simplesmente Deus não existe (ateísmo) ou porque, apesar de Ele existir, abandonou sua criação (deísmo). Há também a crença de que o sofrimento é uma punição de Deus em virtude do pecado.

E, quando falamos de sofrimento como punição, podemos indicar, pelo menos, dois pontos de vista presentes em comunidades religiosas.

Alguns entendem que todas as pessoas irão sofrer em virtude da “solidariedade da raça”. No Antigo Testamento e na tradição judaica, a identidade do povo de Israel era entendida de forma coletiva. Com isso, as bênçãos e punições podiam ser aplicadas a toda a comunidade com base nas ações de um único indivíduo. Sobre o tema, nos reportamos à obra “A Solidariedade da Raça: O Homem em Adão e em Cristo¹⁴”, de Russell P. Shedd.

Outros acreditam que o sofrimento é resultado da punição divina por pecados individuais, sejam da própria pessoa ou de seus ancestrais, ou em virtude de ter sido amaldiçoada por seus antepassados. Tal pensamento, de acordo com Peterlevitz¹⁵, é defendido na obra Bênção e Maldição, de Jorge Linhares.

Yancey¹⁶ apresenta interessante caso que resume boa parte das crenças populares acerca do sofrimento. Ao discorrer sobre a situação de uma amiga cristã que estava doente e recebia visitas dos irmãos da igreja, relatou diferentes abordagens que ela recebeu:

Um diácono aconselhou a pessoa doente a examinar a sua vida para identificar no que ela estava agradando ou desagradando a Deus.

Outra pessoa sugeriu que o sofrimento deveria ser encarado com bom humor e assim desapareceria.

Uma seguidora dos pregadores da prosperidade, afirmava categoricamente que ela deveria buscar exclusivamente a cura divina, sendo esta a única solução para o seu problema.

¹⁴ SHEDD, Russell P. A Solidariedade da Raça - O Homem Em Adão E Em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

¹⁵ PETERLEVITZ, Luciano R. Maldição hereditária: uma análise teológica. Revista Teologia Brasileira. São Paulo. Número 73, Ano 2019.

¹⁶ YANCEY, Philip. Onde Está Deus Quando Chega a Dor? São Paulo: Editora Vida. 2005. p. 16-18.

Outra pessoa disse à irmã doente que ela deveria agradecer pelo sofrimento, pois este demonstrava que Deus lhe amava.

Por fim, Yancey¹⁷ menciona a visita de um pastor que afirmava que a pessoa doente era privilegiada, porque estava sofrendo por Cristo, sendo o sofrimento um sinal de integridade, como aconteceu com Jó.

2.3 Consequências das visões equivocadas sobre o sofrimento

As adversidades, em maior ou menor grau, trazem sofrimento. Porém, se vistas de forma equivocada, podem potencializar o estado de angústia daquele que sofre.

2.3.1 Ausência de fé - Ceticismo

O primeiro problema a ser mencionado é o ceticismo. Keller¹⁸ afirma que, “para muita gente, o maior problema não está no exclusivismo do cristianismo, mas na presença do mal e do sofrimento no mundo”. Ele argumenta que, enquanto alguns consideram o sofrimento injusto do ponto de vista filosófico, para outros, se trata de uma questão profundamente pessoal.

Afirma que uma pessoa cética que passa por sofrimento constante, costuma fundamentar seu ceticismo na existência do mal, se recusando a acreditar que exista uma deidade que permita que a história e a vida se desenrolem do jeito que conhecemos.

Há diversas obras que analisam este tipo de argumento, e concluem corretamente que o raciocínio de negar a existência ou a bondade de Deus em virtude da presença do sofrimento no mundo não se sustenta. Keller¹⁹, citando Lewis²⁰, traz a seguinte ponderação:

¹⁷ YANCEY, Philip. Onde Está Deus Quando Chega a Dor? São Paulo: Editora Vida. 2005. p. 18.

¹⁸ KELLER, Timothy. A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 49.

¹⁹ KELLER, Timothy. A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 53.

²⁰ O trecho mencionado foi extraído de Cristianismo puro e simples, de C. S. Lewis.

Meu argumento contra a existência de Deus era que o universo parecia muito cruel e injusto. No entanto, de onde tirei essa ideia de “justo” e “injusto”? [...] Com o que eu comparava o universo quando o rotulava de injusto? [...]

Obviamente eu podia desistir da ideia de justiça dizendo que ela não passava de uma noção pessoal. Se o fizesse, porém, meu argumento contra a existência de Deus também iria por água abaixo — pois ele dependia da afirmação de que o mundo era realmente injusto, não simplesmente de que as coisas não aconteciam para satisfazer minha imaginação. [...] Como consequência, o ateísmo acaba ficando simplista demais.

Em outros termos, em Deus está a perfeita conjugação de bondade e justiça, a qual norteia o ser humano quanto às noções de certo e errado, justo e injusto, bom ou mau.

Por fim, reafirmamos que a presença do sofrimento, muitas vezes manifestada por meio de doenças, tem levado pessoas a adotar uma postura cética e a desenvolver argumentos que buscam fundamentar seu ceticismo.

Para uma melhor análise de tais argumentos invocados pelos céticos, a qual não faz parte do escopo deste trabalho, nos reportamos às obras “A fé na era do ceticismo”, de Timothy Keller²¹, e “Por que coisas ruins acontecem se Deus é bom”, de Ron Rhodes²², as quais incluem também uma abordagem apologética²³.

2.3.2 Excessos na fé - Decepção

De um lado, apontamos o problema da ausência de fé. Porém, existe outro problema tão nocivo: os excessos ocorridos dentro dos ambientes de fé.

Quando falamos de excessos na fé estamos nos referindo a acréscimos que as pessoas fazem à genuína fé bíblica, invocando textos fora de seu contexto visando fundamentar crenças equivocadas.

²¹ KELLER, Timothy. A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015.

²² RHODES, Ron. Por que Coisas Ruins Acontecem se Deus é Bom. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

²³ A apologética é a ciência ou disciplina racional que se esforça por apresentar a defesa da fé religiosa, existindo dentro e fora da Igreja cristã. (...) No uso comum, a palavra é usualmente empregada para indicar a defesa do cristianismo. Positivamente, a apologética tenta elaborar e defender uma visão cristã de Deus, da alma e do mundo, uma visão apoiada por raciocínios reputados capazes de convencer os não-cristãos da veracidade das doutrinas envolvidas. Negativamente, trata-se de um esforço para antecipar possíveis pontos de ataque, defendendo as doutrinas cristãs contra tais ataques. CHAMPLIN, Russell Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. São Paulo: Hagnos, 2013. p. 234.

Há diversos relatos bíblicos que tratam de curas miraculosas e intervenções divinas de forma extraordinária. E Deus, em sua soberania e onipotência, tem plena condição de atender às orações do fiel e lhe trazer cura.

Porém, há segmentos religiosos que promovem eventos específicos visando trazer curas a pessoas doentes, normalmente chamados de “campanhas” ou “cultos de libertação”. Nestes eventos, costuma-se invocar textos bíblicos isolados e, por meio de interpretações equivocadas e desconsiderando a soberania divina, afirmam que a cura é certa para aquele que tem fé. Romeiro²⁴ faz uma análise precisa:

As campanhas semanais, os cultos “de libertação”, “da vitória”, “da conquista” e “da prosperidade” se multiplicam na disputa por fiéis. Tudo isso dirigido a um público despreocupado também com as regras de interpretação bíblica, pouco afinado com a reflexão, mas em uma busca constante e intensa de solução. Os pregadores farão tudo para atrair seus “clientes”, muito disputados hoje em dia no mercado evangélico.

Ocorre que muitas dessas pessoas não são curadas e acabam se frustrando com o Evangelho.

Importante considerar que tais segmentos religiosos tem grande capilaridade, pois além de estarem localizados em diversos bairros das pequenas e grandes cidades, seus cultos também são transmitidos pela televisão e/ou internet, o que aumenta a disseminação de uma teologia equivocada, bem como o aparecimento de críticas e acusações de estelionato, charlatanismo e curandeirismo²⁵.

²⁴ ROMEIRO, Paulo. Decepcionados com Graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 130.

²⁵ BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 dez. 1940.

(...)

Estelionato

Art. 171 - Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento:

Pena - reclusão, de um a cinco anos, e multa, de quinhentos mil réis a dez contos de réis.

(...)

Charlatanismo

Art. 283 - Inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa.

(...)

Curandeirismo

Art. 284 - Exercer o curandeirismo:

I - prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II - usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III - fazendo diagnósticos:

Pena - detenção, de seis meses a dois anos.

Parágrafo único - Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa.

Paulo Romeiro²⁶, ao falar da “Teologia da Prosperidade”, afirma o seguinte:

De acordo com essa doutrina, o cristão não deve ser atingido pelas vicissitudes da vida, assunto atraente nos dias de hoje. Muito longe da exaltação da indigência, cara a certa tradição católica, sua retórica consiste em proclamar que a pobreza não faz parte dos propósitos divinos. Pelo contrário: tendo criado o ser humano à sua imagem, Deus deseja distribuir riqueza, saúde e felicidade àqueles que têm fé e a exprimem intensamente.

Sem nada a perder, mas tudo a ganhar, o fiel é incentivado a apostar tudo para que, de imediato ou em curto período de tempo, qualquer situação de revés mude radicalmente, experimentando assim o sentimento de já estar no caminho da prosperidade.

Muitas pessoas, atraídas pelas promessas de enriquecimento, curas ou de resolução de problemas, quando percebem a realidade, acabam abandonando o ambiente religioso com sentimento de frustração ou engano, e muitas vezes passam o restante da vida magoadas.

A igreja foi comissionada a pregar o evangelho e ensinar a Palavra de Deus:

19 Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, 20 ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos. (BÍBLIA. Mateus 28.19-20, Nova Versão Internacional - São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

Isto posto, a igreja, ao pregar o evangelho, deve fazê-lo com zelo, temor e fidelidade, aplicando corretamente as regras de interpretação, sem trazer promessas vazias, as quais acabam frustrando e decepcionando seus ouvintes.

Para um aprofundamento neste tema, nos reportamos à obra “Decepcionados com Graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal” de Paulo Romeiro, fruto de sua tese de doutorado apresentada na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

²⁶ ROMEIRO, Paulo. Decepcionados com Graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 8.

3. A DOENÇA COMO OPORTUNIDADE PARA DEUS FAZER SUA OBRA

Vimos no capítulo anterior os impactos que as deficiências podem trazer. Porém, tais fragilidades podem servir como oportunidades para Deus trabalhar.

O acontecimento relatado em João 9.1-4 nos traz preciosas lições sobre este tema. Vejamos:

1 Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. 2 Seus discípulos lhe perguntaram: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?” 3 Disse Jesus: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele. 4 Enquanto é dia, precisamos realizar a obra daquele que me enviou. A noite se aproxima, quando ninguém pode trabalhar. (BÍBLIA. João 9.1-4, Nova Versão Internacional - São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

3.1 Uma breve introdução ao Evangelho de João

Os Sinóticos e o Evangelho segundo João foram escritos de forma anônima. Bruce²⁷, apesar de mencionar a existência de evidência em favor de outro “discípulo do Senhor” chamado João, que (provavelmente) teria vivido na província romana da Ásia, acredita que este evangelho foi escrito pelo filho de Zebedeu, trazendo a seguinte citação:

B. F. Westcott propôs de forma clássica uma série concêntrica de argumentos que identificam o quarto evangelista com João, o filho de Zebedeu. Na sua opinião, a evidência interna do evangelho indica que ele foi escrito: a) por um judeu palestino, b) por uma testemunha ocular, c) pelo discípulo que Jesus amava, e d) por João, o filho de Zebedeu.

O quarto evangelho foi escrito num ambiente bem diferente daquele em que ocorreram os eventos narrados. Bruce²⁸ destaca que a destruição do templo de Jerusalém e o fim do culto com sacrifícios, em 70 d.C., fez pouca diferença para a vida dos judeus da dispersão. Afirma este autor o seguinte:

²⁷ BRUCE, F. F. João: introdução e comentário. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1987. (Série Cultura Bíblica). p. 11.

²⁸ BRUCE, F. F. João: introdução e comentário. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1987. (Série Cultura Bíblica). p. 24.

O debate entre os discípulos e as autoridades das sinagogas alcançou um estágio crítico por volta de 90 d.C., quando uma das orações no culto das sinagogas foi modificada para excluir definitivamente os seguidores de Jesus. Provavelmente é contra este pano de fundo que o quarto evangelho foi publicado, para despertar fé em Jesus como o Messias de Israel, o Filho de Deus, o Revelador do Pai, nos membros das comunidades das sinagogas na área da dispersão em que viviam o evangelista e seus amigos.

O Evangelho de João faz uso de contrastes bem-marcados²⁹: luz e trevas (1.4-9), amor e ódio (15.17-18), de cima e de baixo (8.23), vida e morte (6.57-58), verdade e falsidade (8.32-47).

Na Bíblia NAA consta nota³⁰ afirmando que os Sinóticos apresentam a história de Jesus no sentido "da terra para o céu", descrevendo gradualmente o relacionamento de Jesus com o Pai, mas, o Evangelho de João, de forma diversa, apresenta Jesus na perspectiva "do céu para a terra", mostrando como o verbo se fez carne.

A teologia no Evangelho de João possui dois eixos fundamentais³¹: o ensino do λόγος (a palavra, a razão, o pensamento, o elemento divino em essência); e os atos reais daquele que se fez σάρξ (a carne, a matéria, a realidade humana pelo ser ideal). Conforme nos ensina Almeida³²

O Evangelho de João é descrito como o livro dos sinais. A maneira como o autor desenvolve o conteúdo está sustentada pelos inúmeros sinais de Jesus, o ungido, o Filho de Deus. Estes sinais estão materializados no texto pela manifestação do Espírito, que produzem fé nos leitores que os conduzirão para a vida eterna.

O Evangelista deixa claro que o propósito do livro é apresentar Jesus como o Cristo, pois, ao afirmar que nem todos os milagres de Jesus foram catalogados, mas apenas alguns foram registrados, sendo isto suficiente para que as pessoas cressem “que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e, crendo, tenham vida em seu nome” (Jo 20.30-31). Neste sentido Bruce³³ afirma que

²⁹ Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo e Barueri, Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 1226.

³⁰ BÍBLIA de Estudo NAA. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2023. p. 1688.

³¹ ALMEIDA, Marcos de. João: a vida eterna pela fé no λόγος encarnado. Apostila Teologia do Novo Testamento Evangelhos e Atos - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2022, p. 172 (material não publicado).

³² ALMEIDA, Marcos de. João: a vida eterna pela fé no λόγος encarnado. Apostila Teologia do Novo Testamento Evangelhos e Atos - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2022, p. 172 (material não publicado).

³³ BRUCE, F. F. João: introdução e comentário. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1987. (Série Cultura Bíblica). p. 24.

O objetivo do evangelho está expresso em Jo 20.30s: é levar os leitores a crer, ou fortalecê-los na fé. A fé inclui tanto crer *em* como crer *que*; crer em Jesus é destacado como o estilo de vida em todo o evangelho, mas crer nele subentende crer em certas coisas sobre ele - que ele é “o Cristo, o Filho de Deus”. Não são duas designações diferentes; para João, crer que Jesus é o Messias significa crer que ele é o Filho de Deus (isto também vale para os outros evangelistas).

O relato da cura do cego em João 9.1-4 é registrada apenas neste Evangelho, e faremos um breve exame deste texto.

3.2 A cura do cego

No capítulo anterior, Jesus fez diversas declarações acerca de si que despertou a fúria dos judeus e, após afirmar que “antes de Abraão nascer, Eu Sou” (ἐγὼ εἰμί), precisou se esconder para não ser apedrejado.

Não é possível saber se o fato narrado no capítulo 9 acontece durante esta fuga do apedrejamento. Neste sentido Boor³⁴ afirma que

É bem verdade que Jesus precisa ocultar-se e escapar do templo. Mas logo nesse seu caminho “viu de passagem um homem cego de nascença”. Jesus não olha preocupado para seus adversários. Tem um olhar aberto para a aflição deste mundo, que aqui vem a seu encontro na sina do cego de nascença.

Os discípulos de Jesus também notaram o cego, mas seu olhar não foi empático ou de compaixão – eles queriam saber qual o motivo daquela condição.

A conjunção adverbial ἵνα, traduzida por “para que” pode indicar propósito ou resultado³⁵. Neste sentido Bruce³⁶ afirma o seguinte:

A frase para que nascesse cego tem no grego a forma de uma oração de propósito (hina com o subjuntivo), mas o sentido exige que a tomemos como oração de resultado. Por outro lado, a sentença da resposta de Jesus, para

³⁴ BOOR, Werner de. Comentário Esperança, Evangelho de João. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002. p. 233.

³⁵ TAYLOR, William Carey, Dicionário do Novo Testamento Grego. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 2011. p. 103.

³⁶ BRUCE, F. F. João: introdução e comentário. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1987. (Série Cultura Bíblica). p. 183.

que se manifestem nele as obras de Deus" (novamente hina com o subjuntivo), é uma oração de propósito, tanto no sentido como na forma.

No versículo 2 está claro que os discípulos entendiam que a cegueira era resultado do pecado, restando saber quem era o pecador (o cego ou seus pais). Hendriksen³⁷, ao discorrer sobre este “enigma teológico”, indica as seguintes alternativas:

Segundo as Escrituras (e os apócrifos), as causas morais de enfermidades físicas (defeitos, problemas, sofrimentos, “acidentes”, enfermidades, morte) podem ser remontadas a:

(1) O pecado de Adão, no qual todos caíram e são, por natureza, culpados perante Deus. Isso está implícito em Romanos 5.12–21 (cf. também Gn 3.17–19; Rm 8.20–23; 1 Co 15.21–22; Ef 2.3; e o livro apócrifo de Eclesiástico 25.24).

(2) Os pecados dos pais (Êx 20.5; 34.7; Nm 14.18; Dt 5.9; 28.32; Jr 31.29; Ez 18.2. Cf. os livros apócrifos Sabedoria de Salomão 4.6; Eclesiástico 41.5–7.

(3) Os pecados da própria pessoa (Dt 28.15–68; Jr 31.30; Ez 18.4).

Os discípulos, que estavam acostumados com a mentalidade do judaísmo, acreditavam que o sofrimento estava ligado a uma ideia de retaliação. Essa concepção era muito antiga, e foi destacada nos discursos dos amigos de Jó, que ligaram suas aflições a seus pecados de crueldade em relação à viúva e ao órfão (Jó 4.7; 8.20; 11.6; 22.5–10).

Hendriksen³⁸ ainda menciona uma

ideia rabínica (exagerada) de que os bebês são capazes de pecar quando ainda no ventre materno. A partir de Gênesis 25.22–26 (cf. Sl 58.3 e Lc 1.41–44), os rabinos concluíam que, quando ainda estava no ventre materno, Esaú tentou matar Jacó³⁹.

Jesus, ao esclarecer que a doença não era fruto de pecado próprio ou dos pais, traz uma nova perspectiva para a questão, fazendo a transição do “por que” para o

³⁷ HENDRIKSEN, William. João, trad. Jonathan Luís Hack, 2a edição, Comentário do Novo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 361–362.

³⁸ HENDRIKSEN, William. João, trad. Jonathan Luís Hack, 2a edição, Comentário do Novo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 362.

³⁹ Sobre este tema, BRUCE traz a seguinte nota de rodapé: “No comentário rabínico Genesis Rabba 63.6, há um debate interessante sobre o comportamento de Esaú e Jacó antes de nascerem (Gn 25.22), onde o Salmo 58.3 (“Desviam-se os ímpios desde a sua concepção”) é interpretado de diversas maneiras, a fim de mostrar que a tendência de Esaú para o pecado se manifestou enquanto ele ainda estava no ventre de sua mãe”. BRUCE, F. F. João: introdução e comentário. Traduzido para o português por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1987. p. 183.

“para que”, indicando que a cegueira tinha um propósito. Neste sentido Boor⁴⁰ afirma o seguinte:

Jesus, no entanto, nem sequer aceita entrar numa apreciação do pecado que nesse caso poderia estar por trás da aflição de um destino penoso. Não pergunta por causas humanas, na retrospectiva, mas sim por alvos divinos, na perspectiva futura.

A cura deste cego trouxe uma prova muito importante acerca da messianidade de Jesus, visto que em Is 35.5, consta que “Então se abrirão os olhos dos cegos e se destaparão os ouvidos dos surdos”. Ao comentar esta passagem, Souza⁴¹ alega que

Da perspectiva do NT e da teologia messiânica, também podemos relacionar este texto com 61.1–3. Essas bênçãos são concretizadas por meio do ministério de Jesus (Lc 4.14–20; Mt 11.14–15).

Bruce⁴² argumenta que este é o primeiro relato de uma cura de cegueira congênita, afirmando que “a nova era raiou, de um modo predito pelos profetas (Is 35.5,42.7)”, destacando que a ênfase do texto “está mais na autoridade e no caráter daquele que efetua a cura”.

Como já dito, Jesus mostra que a cegueira tinha um propósito. Hendriksen⁴³ afirma o seguinte:

Em vez de olhar para trás, como os discípulos, ele olha para frente. Eles lhe perguntaram: “Como isso pôde acontecer?” Ele respondeu: “Aconteceu com um propósito, isto é, para que as obras de Deus (milagres nos quais ele mostra seu poder e seu amor) fossem reveladas nele”

Importante considerar que o fato de Deus ter os seus propósitos não significa que nós, seres humanos, conheceremos todos os seus desígnios.

No questionamento dos discípulos vislumbramos curiosidade, especulação e ideias equivocadas acerca das doenças, mas não encontramos misericórdia. Lopes⁴⁴ faz importante ponderação:

É claro que Jesus não estava com isso insinuando haver pessoas sem pecado nem induzindo os discípulos a crer que todo sofrimento é resultado imediato de um pecado imediato. Também Jesus não estava afirmando que

⁴⁰ BOOR, Werner de. Comentário Esperança, Evangelho de João. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002. p. 233–234.

⁴¹ SOUSA, Rodrigo Franklin de. Isaías, in Comentário Bíblico Latino-Americano, org. C. René Padilla et al., trad. Cleiton Oliveira et al., 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2022. p.886.

⁴² BRUCE, F. F. João: introdução e comentário. Traduzido para o português por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1987. p. 191.

⁴³ HENDRIKSEN, William. João, trad. Jonathan Luís Hack, 2a edição, Comentário do Novo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 362.

⁴⁴ LOPES, Hernandes Dias. João: As Glórias do Filho de Deus, org. Juan Carlos Martinez, 1a edição, Comentários Expositivos Hagnos. (São Paulo: Hagnos, 2015. p.262.

aquele homem havia nascido cego especificamente para ser, agora, alvo de seu milagre. Jesus estava dizendo que o sofrimento alheio não deveria ser alvo de especulação, e sim de uma ação misericordiosa.

Hoje, Deus pode manifestar suas obras e misericórdia não somente por meio de uma cura miraculosa, mas de outras formas, como, por exemplo, preparando pessoas para cuidar do enfermo bem como dando paz e resiliência no coração do doente e dos cuidadores.

Prosseguindo com a análise desta perícopé, Lopes, citando Larry Richards, afirma que as tragédias dão a Deus uma oportunidade de se revelar de formas singulares, recordando que foi uma tragédia que tirou de Joni Tada⁴⁵ sua capacidade de andar, mas, por meio de Joni, o Senhor tem encorajado milhares de pessoas a conviver com suas deficiências, oferecendo auxílio a elas e a seus cuidadores e, de forma geral, demonstrando a glória de Deus por meio do seu trabalho.

Por fim, o versículo 4 nos ensina o que devemos fazer, bem como o momento em que a tarefa deve ser feita.

Em primeiro lugar, quando o texto afirma que “precisamos realizar a obra daquele que me enviou”, não deixa qualquer dúvida de que há um trabalho a ser feito. Boor⁴⁶ afirma o seguinte:

As obras de Deus devem ser manifestas. Contudo Deus ordenou em sua misericórdia que seu agir acontece quando “nós” agimos. “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia.” Jesus agrupa seus discípulos consigo mesmo, porque sua própria atuação haverá de prosseguir no trabalho da vida deles.

O agir de Deus é realizado por meio de “nós”. Naquele momento Jesus disse que ele e os discípulos deveriam fazer as obras de Deus. Ademais, o texto também informa o momento em que esta tarefa deve ser feita, isto é, “enquanto é dia”.

Hendriksen ⁴⁷ explica que tal expressão traz a ideia de urgência afirmando o seguinte:

⁴⁵ O Joni and Friends é um ministério cristão dedicado a apoiar pessoas com deficiência e suas famílias, promovendo inclusão e esperança através do evangelho. Fundado por Joni Eareckson Tada, que ficou tetraplégica após um acidente aos 17 anos, o ministério busca oferecer suporte espiritual, emocional e prático para aqueles que enfrentam desafios físicos. Disponível em <<https://joniandfriends.org/welcome/>>. Acesso em 17/05/2025.

⁴⁶ BOOR, Werner de. Comentário Esperança, Evangelho de João. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002. p. 234.

⁴⁷ HENDRIKSEN, William. João, trad. Jonathan Luís Hack, 2a edição, Comentário do Novo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 364.

A expressão “enquanto é dia” é explicada no versículo seguinte pelo “enquanto estou no mundo”. Quando Jesus, depois de dizer “está consumado”, deu o último suspiro, seu dia terminou, sua obra de expiação pelos pecados fora completada. Embora seja verdade que, mesmo depois de sua ressurreição, houve “aparecimentos”, ele não estava mais “no mundo” como estava antes. O mesmo é válido para seu discípulo: para ele também há uma hora marcada, a saber, seu tempo de vida aqui embaixo. Que ele saiba aproveitar suas oportunidades da melhor maneira possível. O mandado é urgente, pois “a noite (quer dizer, a morte) está chegando, quando ninguém pode trabalhar”.

Como dito, os discípulos, ao olharem para o cego, demonstraram curiosidade e especulação, mas não demonstraram misericórdia e acolhimento. Tal conduta não deve ser seguida pela igreja, que é conclamada a agir com urgência e do jeito certo.

4. A IGREJA LOCAL ACOLHEDORA

Conforme mencionamos na primeira parte deste trabalho, 16% da população mundial e 8,9% da população brasileira possui algum tipo de deficiência.

As igrejas locais devem encarar estes números como um grande desafio a ser vencido. Mas, antes de olhar para a frente, olhemos para o passado no intuito de recordar como os deficientes foram tratados no decorrer da história.

4.1 Um breve histórico social sobre a deficiência

De acordo com Cartwright⁴⁸, as literaturas de mitologia grega mencionam que o deus Hefesto, filho da deusa Hera, foi lançado do Olimpo por não ser belo como os outros deuses e, na queda, teria ficado aleijado. Outras versões desta história contam que ele foi expulso da montanha dos deuses justamente por causa da sua deficiência.

Saindo da mitologia, mas permanecendo na Grécia, sabe-se que as civilizações gregas antigas viviam em contantes guerras. Em virtude disso, a condição física do guerreiro era muito valorizada. França⁴⁹ nos ensina que, nesse contexto, o infanticídio era comum. Citando Maria Salete Aranha, afirma o seguinte:

Em Esparta, os imaturos, os fracos e os defeituosos eram propositalmente eliminados. Consta que os romanos descartavam-se de crianças deformadas e indesejadas em esgotos localizados, ironicamente, no lado externo do Templo da Piedade.

O mencionado autor recorda ainda que

Com o aval de filósofos como Aristóteles, até o quase final da Idade Média, os surdos eram considerados imbecis e, portanto, sem direitos legais ou civis. O Código Justiniano de 529, entretanto, já distinguia surdos congênitos daqueles que haviam adquirido a surdez após terem recebido instrução. A estes, e apenas estes, era concedido o exercício da cidadania.

⁴⁸ CARTWRIGHT, Mark. Hefesto. Traduzido por Joana Ribeiro. World History Encyclopedia. 2019. Disponível em <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-10802/hefesto/>>. Acesso em 18.05.2025.

⁴⁹ FRANÇA, Tiago Henrique. A normalidade: uma breve introdução à história social da deficiência. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 6 Nº 11. Julho de 2014. p.107.

Pacheco e Alves⁵⁰ defendem que

o que observamos ao estudar a história da deficiência, é que, com ou sem intenção, a 'marginalização' da pessoa com deficiência existia e estava muitas vezes ligada à idéia de que as deficiências físicas/mentais e doenças eram causadas por espíritos maus, demônios ou uma forma da pessoa pagar por pecados cometidos, indicando certo grau de impureza e pecado e de uma certa maneira justificando o fato de serem apenas tolerados pela sociedade, o que reforçava a prática da marginalização, restando aos deficientes o destino de esmolar nas ruas e praças.

ARANHA⁵¹ menciona em sua pesquisa que a "única ocupação para os retardados mentais" encontrada na literatura antiga é a de "bobo ou de palhaço, para a diversão dos senhores e seus hóspedes". Apesar disso, afirma que

Com o advento do cristianismo, a situação se modificou, pois todos passaram a ser igualmente considerados filhos de Deus, possuidores de uma alma e portanto merecedores do respeito à vida e a um tratamento caridoso.

Neste curto espaço dedicamos singelas linhas para traçar um breve panorama sociológico da história da deficiência. Para uma análise mais detalhada, nos reportamos ao artigo "A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma" de Pacheco e Alves publicado pela revista *Acta Fisiátrica*, do Instituto de Medicina Física e Reabilitação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e ao artigo "A normalidade: uma breve introdução à história social da deficiência" publicado pela *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande (RS)*.

E, para encerrar este breve e terrível panorama, destacamos que os tratamentos mencionados, os quais foram dados às pessoas com deficiências, não ficaram no passado distante.

⁵⁰ PACHECO, Kátia Monteiro De Benedetto e ALVES, Vera Lucia Rodrigues. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. *Revista Acta Fisiátrica*. 2007; p. 243.

⁵¹ ARANHA, Maria Salete. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho, Brasília*, ano XI, n.21, p. 160-173, 2001.

Na edição de 7 de dezembro de 2014, a revista eletrônica Fantástico⁵² da Rede Globo de Televisão, apresentou matéria jornalística comentando tradição indígena em que os pais tiravam a vida de recém-nascidos por causa de alguma deficiência física.

Não obstante o respeito que se deve ter à diversidade cultural, acreditamos que o cristianismo bíblico não compactua com este tipo de conduta que sacrifica pessoas deficientes. Sobre este tema, nos reportamos ao artigo “Não há morte sem dor”, de Ronaldo Lidório⁵³, que aborda o tema do ponto de vista teológico, sem desprezar questões relacionadas à diversidade cultural e aos direitos humanos, fazendo, sempre que possível, uma abordagem dialógica do tema.

4.2 Da exclusão à inclusão social

As igrejas devem enfrentar o grande desafio de promover a inclusão de pessoas com deficiência, promovendo a desobstrução das diversas barreiras que podem impedir ou dificultar sua participação plena e efetiva na igreja, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Ramiro⁵⁴ nos lembra que foi necessário trilhar um extenso percurso até alcançarmos a compreensão atual de inclusão. Ao longo dessa jornada, destacam-se as seguintes situações:

De exclusão social, quando a pessoa com deficiência é impedida de ter acesso a direitos e serviços. Se, por exemplo, for realizada uma festa no salão social da igreja que fica localizado no segundo andar de um edifício que não tem rampa ou elevador, uma criança que usa cadeira de rodas estará excluída da festa.

De segregação, onde é feita uma separação por grupos de pessoas com base em diversos tipos de fatores. Utilizando o exemplo anterior, se a igreja reserva uma sala no andar térreo para as crianças que usam cadeira de rodas, elas participarão da

⁵² Tradição indígena faz pais tirarem a vida de crianças com deficiência física. FANTÁSTICO. Rede Globo, 7 dez. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/tradicao-indigena-faz-pais-tirarem-vida-de-crianca-com-deficiencia-fisica.html>>. Acesso em: 18 maio 2025.

⁵³ LIDÓRIO, Ronaldo. Não há morte sem dor: uma visão antropológica sobre a prática do infanticídio indígena no Brasil. In: SOUZA, Isaac Costa de; LIDÓRIO, Ronaldo (Org.). A questão indígena, uma luta desigual: missões, manipulação e sacerdócio acadêmico. Viçosa, MG: Ultimato, 2008. p. 177-190.

⁵⁴ RAMIRO, Elana Costa. Educação cristã e inclusão. Apostila Educação cristã - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2022, p. 139-140 (material não publicado).

festa, mas não terão acesso a todas as atividades direcionadas ao público infantil que estará no piso superior.

Em suma, houve uma melhoria em relação à situação anterior, mas ainda está longe da situação desejada.

De inclusão social, quando efetivamente se promove a igualdade entre os diferentes indivíduos, permitindo que todos tenham condições de integrar e participar das várias dimensões de seu ambiente, sem sofrer qualquer tipo de discriminação ou restrição⁵⁵.

4.3 A eliminação de barreiras

Para que se alcance um estado de plena inclusão social, é necessário o empreendimento de diversos esforços para que sejam eliminadas, ou diminuídas, as barreiras que impeçam que a pessoa com deficiência possa participar, de forma plena e efetiva, de todas as atividades em condições iguais às demais.

Sobre a eliminação ou adequação de barreiras físicas, podemos mencionar, de forma exemplificativa, as questões acústicas e de níveis de iluminação; presença de assentos acessíveis, incluindo espaço destinados a pessoas com cadeiras de rodas, construção de rampas e banheiros acessíveis, instalação de elevadores e portas automáticas, dentre outros.

Registre-se que, além da remoção de barreiras físicas, o trabalho de inclusão envolve desenvolver a capacidade de esclarecer, informar e conscientizar as pessoas que participam das atividades da igreja.

Não menos importante é a necessidade de uma comunicação que alcance a todas as pessoas, incluindo intérpretes que comunicam todo o culto e/ou evento na Língua

⁵⁵ Ramiro ainda menciona o seguinte: Adaptação ou Integração social: Formação de um denominador comum entre os membros de uma sociedade ou de um grupo e um certo grau de adesão e conformidade às normas estabelecidas, grau este que varia com a margem de liberdade e de autonomia que o meio social permite a cada um dos indivíduos. É quando a pessoa com deficiência passa por um tratamento através de atividades físicas ou de reabilitações com intuito de torná-la aceitável, para que esteja apta ou ajustada aos padrões exigidos pela sociedade. RAMIRO, Elana Costa. Educação cristã e inclusão. Apostila Educação cristã - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2022, p. 140 (material não publicado).

Brasileira de Sinais (Libras), bem como a inserção de legendas e transcrições nos vídeos exibidos na igreja e nas suas redes sociais.

4.4 Cuidando de quem cuida

Muitas igrejas cristãs realizam primoroso trabalho de capelania, promovendo a evangelização e visitação de pessoas enfermas, hospitalizadas e encarceradas (além de outros ambientes - capelania empresarial, educacional, militar, entre outras).

Para que a igreja consiga ser missional e acolhedora, além de cuidar daqueles que não podem frequentar os cultos, seja por estarem presos ou enfermos, precisa também dar atenção especial àqueles que cuidam de enfermos e de pessoas com deficiências.

Eleny Vassão Aitken⁵⁶ resumiu de maneira precisa a situação de muitos cuidadores de enfermos e idosos:

O desgaste físico, emocional e espiritual desse cuidado contínuo acaba trazendo seus dividendos ao cuidador, que tem sua saúde fortemente abalada, deixando-o por vezes mais enfermo do que aquele de quem cuida, prejudicando a qualidade e condições do cuidado.

Eles se esforçam até o fim de suas energias para que o enfermo se sinta cuidado e protegido. Muitas vezes sentem-se confusos, estressados, com sentimentos de medo, ansiedade, culpa, abandono e completa exaustão em seu trabalho diário, e mesmo assim não têm para onde correr em busca de ajuda.

É necessário que as igrejas invistam na capacitação e no cuidado daqueles que cuidam das pessoas com deficiências. Sobre a importância do trabalho do capelão, Iasulaitis⁵⁷ faz a seguinte afirmação:

De forma programada ou casual, os Capelães Cristãos, visitam de maneira acolhedora, tanto física quanto emocional, vidas e corações dilacerados pelas mazelas das circunstâncias existenciais.

⁵⁶ AITKEN, Eleny Vassão de Paula. Cuidando de quem cuida: O cuidado de Deus para com o cuidador de enfermos. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. Edição eBook Kindle. p. 7.

⁵⁷ IASULAITIS, Ernesto G. Jesus Cristo, o Capelão por Excelência. Rio de Janeiro: CPAD, 2024. p. 139.

Quando o psicológico e a alma clamam por socorro, mesmo através de pensamentos que se esvaem em perturbações, ou sussurros perdidos no tempo e espaço, os Capelães surgem com uma palavra curadora.

Jesus Cristo é o Capelão por excelência, por reunir perfeição em três esferas essenciais em Capelania: compaixão (sentimento); amor (ação); abnegação (altruísmo, ainda que com sofrimento). Jesus Cristo saiu do Trono de Glória junto ao Pai, para resgatar a humanidade perdida.

Algumas igrejas fazem trabalhos direcionados às pessoas com deficiências, os quais merecer ser mencionados como bons exemplos a serem seguidos, e podem ser adaptados por cada realidade.

Nestas igrejas existem grupos de apoio para familiares e cuidadores, onde são realizadas reuniões de partilhas e de auxílio mútuo. Oferecem ainda assistência jurídica, capacitação para pais e cuidadores, dicas e palestras com profissionais da saúde e espaço acolhedor para pessoas com deficiências.

Podemos mencionar, apenas na cidade de São Paulo, o Projeto AMAI⁵⁸, da Primeira Igreja Batista da Penha, o Projeto Tesouro Azul⁵⁹, apoiado pela Igreja Batista Nações Unidas, o GPAMDA⁶⁰, da Igreja Presbiteriana de Pinheiros, o a RAAFA⁶¹, ligado às Igrejas Adventistas.

⁵⁸ Projeto da Rede de Crianças da PIB Penha, apresenta o Projeto AMAI, que nasce da necessidade de acolher e apoiar famílias com crianças atípicas. AMAI significa AMar, Acolher e Incluir, cujo projeto visa a construção de uma comunidade mais inclusiva e amorosa onde cada criança é respeitada e sua necessidade atendida com carinho. Disponível em <<https://pibpenha.com.br/noticias/126650/conexao-pib-penha-projeto-amai>>. Acesso em 19/05/2025.

⁵⁹ Projeto Tesouro Azul tem por Missão dar assistência social, promover e incentivar pesquisas e estudos sobre TEA e TDAH desenvolver programas de amparo, reabilitação, integração social, ensino complementar especial, dentro da capacidade de atendimento da associação. Disponível em <<https://www.instagram.com/tesouroazuloficial/>>. Acesso em 19/05/2025.

⁶⁰ GPAMDA é o Grupo Presbiteriano de Apoio a Mães de Atípicos da Igreja Presbiteriana de Pinheiros, cujo objetivo é acolher e incluir famílias atípicas na igreja. Disponível em <<https://www.instagram.com/gpamda/>>. Acesso em 19/05/2025.

⁶¹ RAAFA - Rede Adventista de Apoio à Família Autista, que tem como missão acolher as famílias autistas, independente de raça, cor, religião ou classe social, apoiando aos familiares e profissionais em seu dia a dia, desenvolvendo uma das ferramentas mais poderosas para lidar com o autismo, o AMOR. Seja de forma virtual através da nossa rede via WhatsApp com os grupos de apoio ou pelos nossos encontros presenciais. Disponível em <<https://somosraafa.org/>>. Acesso em 19/05/2025.

4.5 Promoção de capacitação para pais, cuidadores e membros da igreja

Outra prática que pode ser adotada pelas igrejas é a promoção de treinamentos de capacitação para líderes, voluntários, servos e pessoas que atuam na igreja.

Desde a forma no trato da pessoa com deficiência e seus familiares, até o controle de crises, a igreja deve estar preparada para lidar com diversos tipos de situações.

Os pastores e líderes precisam, ao se dirigir a pessoas com deficiências, utilizar as terminologias corretas, evitando expressões capacitistas, preconceituosas ou inadequadas.

Frequentemente aparecem notícias⁶² de líderes religiosos que, por total desconhecimento do assunto, falam palavras agressivas e inadequadas, que acabam ofendendo as famílias envolvidas, revoltando a comunidade e constringendo os membros de suas igrejas.

Ramiro⁶³ faz uma afirmação precisa sobre a necessidade de inclusão:

Igrejas precisam investir em inclusão por meio da adaptação de estruturas e materiais, conscientização dos membros sobre as deficiências, mas, sobretudo, acolher a pessoa com deficiência, permitindo que ela expresse suas queixas, que seja visto como um ser completo e capaz de conviver com os demais em sua integralidade, independente das suas limitações. É mais importante conhecer a pessoa do que sua deficiência. Inclusão é mais que acesso, é aprender a lidar com o desconhecido, a conviver com os diferentes e com suas diferenças.

Que as igrejas cristãs proporcionem um ambiente acolhedor!

⁶² Pastor diz que nascimento de crianças autistas seria o 'diabo visitando ventre' de mães. Jornal O Globo, 18/07/2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/07/18/pastor-diz-que-nascimento-de-criancas-autistas-seria-o-diabo-visitando-ventre-de-maes-video.ghtml>>. Acesso em: 19/05/2025.

⁶³ RAMIRO, Elana Costa. Educação cristã e inclusão. Apostila Educação cristã - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2022, p. 141-142 (material não publicado).

4.6 Tipos de deficiências

Por fim, dedicaremos breve espaço para apresentar, de forma panorâmica, alguns tipos de deficiências, bem como algumas sugestões de abordagens.

E, para um melhor aprofundamento no tema, recomendamos a leitura da cartilha “Acessibilidade e inclusão: caminho para uma sociedade justa e solidária”, elaborada pelo Tribunal Regional do Trabalho de Santa Catarina⁶⁴, e o artigo “Terminologia sobre Deficiência na Era da Inclusão”, de Romeu Kazumi Sassaki, disponibilizado no sítio eletrônico da Câmara dos Deputados⁶⁵.

4.6.1 Deficiência física

É a alteração completa ou parcial de uma ou mais partes do corpo humano. Geralmente a pessoa com deficiência física ou mobilidade reduzida faz uso de equipamentos como cadeira de rodas, muletas, bengalas ou andadores.

Dicas de interação: Nunca mover os equipamentos de mobilidade sem autorização; evitar obstruir as passagens, pendurar coisas ou se apoiar nesses equipamentos; buscar sempre ajustar sua posição ou a da cadeira de rodas ao conversar com a pessoa, de modo que ela fique confortável ao participar da conversa.

Termo adequado: deficiente físico.

Expressões que não devem ser usadas: “aleijado”, “defeituoso”, “incapacitado” ou “inválido”.

⁶⁴ Acessibilidade e inclusão: caminho para uma sociedade justa e solidária. Disponível em <<https://portal.trt12.jus.br/sites/default/files/2021-03/Cartilha.pdf>>. Acesso em 19/05/2025.

⁶⁵ Terminologia sobre Deficiência na Era da Inclusão. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inclusao>>. Acesso em 19/05/2025.

4.6.2 Deficiência auditiva

É a dificuldade de ouvir ou entender mensagens sonoras em virtude da perda ou da redução da capacidade de audição. Algumas dessas pessoas utilizam aparelho auditivo, fazem leitura labial ou se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Dicas de interação: Procurar fazer a abordagem de maneira correta, acenando ou tocando levemente no ombro ou braço; falar olhando para a pessoa e articular bem os lábios; necessário usar bem suas expressões faciais e, se necessário, fazer gestos ou escrever.

Termos adequados: pessoa surda, surdo, deficiente auditivo.

Expressões que não devem ser usadas: “surdinho” ou “surdo-mudo”.

4.6.3 Deficiência visual

A pessoa com deficiência visual apresenta redução ou ausência total da visão.

Dicas de interação: ao cumprimentá-la, tocar levemente em suas mãos e se apresentar imediatamente; informar quando se afastar; ao guiá-la, dobrar o braço e oferecer o cotovelo para que ela o segure - nunca puxar seu braço ou bengala. Na igreja, conduza-a até a cadeira no templo e permita que ela se sente por conta própria, apenas indicando o encosto ou braço do assento; alertar sobre degraus e obstáculos, utilizando referências precisas como direita e esquerda, em vez de "por ali".

Termos adequados: cego, deficiente visual.

Expressão que não deve ser usada: “ceguinho”.

4.6.4 Deficiência intelectual

Pode se apresentar de diversas formas, como comprometimento ou ausência de fala, dificuldades na aprendizagem de conceitos abstratos; dificuldades de

concentração e atenção, bem como lentidão no aprendizado e memorização; atraso psicomotor, alterações na motricidade fina, dificuldades para andar, disparidade entre a idade mental e a idade cronológica, entre outras.

Dicas de interação: No trato com o deficiente intelectual, evitar a infantilização. Importante reconheça seu ritmo de aprendizado e suas capacidades. Usar linguagem simples e verificar sempre se a comunicação foi compreendida. Não subestimar sua inteligência, visto que tal pessoa tem um tempo diferenciado de aprendizagem, mas é capaz de adquirir muitas habilidades e conhecimentos.

Termo adequado: deficiente intelectual.

Expressões que não devem ser usadas: “doente mental”, “deficiente mental”, “retardado”, “retardo mental” e “especial”.

4.6.5 Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

Do ponto de vista jurídico, o autismo é equiparado a uma deficiência, isto é, as pessoas autistas podem usufruir dos direitos destinados às pessoas com deficiência.

São comuns no autismo as estereotípias, movimentos ou comportamentos repetitivos e sem objetivo aparente. Estes comportamentos podem ser motores (balançar o corpo, girar objetos, tocar repetidamente) ou verbais (repetir palavras ou frases).

Autistas podem passar por episódios de “crises”. Ramiro⁶⁶ afirma que as “crises” são comportamentos disruptivos que se manifestam como birras (se jogam no chão, gritam, choram), agressões (de pares ou figuras de autoridade), autolesivos (batem a cabeça, se mordem), estereotípias, entre outras, e aparecem diante de situações em

⁶⁶ RAMIRO, Elana Costa. Educação cristã e inclusão. Apostila Educação cristã - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2022, p. 147 (material não publicado).

que a pessoa tenta ganhar atenção social, se esquivar ou fugir de determinada demanda, ter acesso a algum item reforçador ou também para escapar de estimulação indesejada (como excesso de barulho ou de luz).

É muito importante que as igrejas tenham equipes preparadas para lidar com crianças autistas, que não somente conheçam técnicas de contenção de crises, mas, principalmente, conheçam a criança.

Importante ter também elementos de autorregulação, para que a criança possa se adaptar e ajustar nas situações de crise. Equipamentos simples podem produzir resultados bem eficazes, como, por exemplo, objetos e brinquedos com diferentes texturas, balanço e gira-gira, tapete sensorial, brinquedos com luzes e sons, caixa para que a criança possa entrar dentro dela, blocos coloridos, colchonete, caixa de grãos (feijão, lentilha, grão de bico, arroz) e estímulo com pressão (massagem).

Termos adequados: autista, pessoa com TEA, criança atípica.

Expressões que não devem ser usadas: “doente mental”, “deficiente mental”, “retardado”, “retardo mental”.

4.6.6 Deficiência múltipla

Associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências. No trato com tais pessoas, deve-se verificar quais são suas maiores necessidades e priorizar seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cuidado com as pessoas com deficiências se mostra uma via de mão dupla, onde tais indivíduos e seus familiares são beneficiados pela igreja, enquanto esta, ao exercer seu papel acolhedor, consegue experimentar um vislumbre de como Deus se relaciona com o ser humano.

A igreja tem o dever de pregar o evangelho por todo o mundo. Conforme afirmado em Lausane⁶⁷, “a evangelização mundial requer que a igreja inteira leve o evangelho integral ao mundo todo”. Isto não deve ser visto apenas como um chamado restrito às missões mundiais, mas também, na pregação do Evangelho àqueles que estão em nossa volta, incluindo as pessoas com deficiências, seus familiares e cuidadores.

A Bíblia, apesar de não ser um tratado sobre deficiências, traz elementos suficientes para demonstrar que o serviço cristão demanda a proteção aos vulneráveis. Na Lei de Moisés havia severa advertência:

Não amaldiçoem o surdo nem ponham pedra de tropeço à frente do cego, mas temam o seu Deus. Eu sou o Senhor. (BÍBLIA. Levítico 19.14, Nova Versão Internacional - São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

Nos Evangelhos, vemos que Jesus atendeu a Jairo e a Nicodemos, que eram mestres religiosos, mas também atendeu pessoas desamparadas. Nos seus encontros com doentes, excluídos (como a mulher do fluxo de sangue) e deficientes (como o cego de nascença), restou cabalmente demonstrado que Deus se importa com os vulneráveis. As crianças, que exemplificam perfeitamente tal condição, receberam atenção especial:

Então disse Jesus: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas”. (BÍBLIA. Mateus 19.14, Nova Versão Internacional - São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

As pessoas com deficiências e seus cuidadores enfrentam demandas peculiares: crises, preocupações com o futuro, julgamento alheio e discriminação; dificuldades para trabalhar e estudar; falta de recursos financeiros para custeio de terapias, medicamentos e até de necessidades básicas; falta de tempo para cuidado pessoal,

⁶⁷ PACTO DE LAUSANNE. A missão da igreja no mundo de hoje: principais palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausanne, na Suíça. São Paulo: ABU, 1982.

falta de tempo para dormir! Falta de um ombro amigo! Falta de alguém para lhe ouvir!
Falta de um conselho bíblico!

Como afirma Vicedom⁶⁸, “a missão é obra de Deus. Ele é o Senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante. Ele é o sujeito ativo da missão”. E Deus convoca o seu povo a participar da sua missão, incluindo o exercício do cuidado para com os vulneráveis.

Estes e seus cuidadores são pessoas cansadas e sobrecarregadas que, como quaisquer outras, precisam de Jesus Cristo para terem seus fardos aliviados. Alguns carregam o fardo do ceticismo, outros da decepção. Mas todos são alvos do amor de Deus! Jesus foi claro:

Mas, quando der um banquete, convide os pobres, os aleijados, os mancos, e os cegos. (BÍBLIA. Lucas 14.13, Nova Versão Internacional - São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

Importante ponderar que, ao exercer este cuidado, a igreja não pode sucumbir à tentação de anunciar um evangelho triunfalista e se transformar num clube de autoajuda.

Beates⁶⁹ afirma que a igreja, ao cuidar de seus necessitados, deve entender e ensinar que todos somos fracos, mas a Graça de Deus é profunda e forte. E que a pregação do Evangelho da graça precisa eliminar os últimos vestígios da mentalidade de autoajuda, de empreendedorismo e de “posso fazer”, concluindo que nossa cosmovisão espiritual deve ser fundamentada em uma compreensão de nossa fraqueza unida a um profundo entendimento da suficiência da graça. Paulo recorda o seguinte:

4 Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito, 5 para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus. (BÍBLIA. 1 Coríntios 2.4-5, Nova Versão Internacional - São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

Por fim, a igreja precisa considerar que as fraquezas humanas revelam a grandeza e o poder de Deus.

9 Mas ele me disse: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente

⁶⁸ VICEDOM, Georg. A missão como obra de Deus: Introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

⁶⁹ BEATES, Michael S. Disability and the Gospel: How God Uses Our Brokenness to Display His Grace. Crossway, 2012. Edição eletrônica.

em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. 10 Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias. Pois, quando sou fraco é que sou forte. (BÍBLIA. 2 Coríntios 12.9-10, Nova Versão Internacional - São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

BEATES afirma que a presença de pessoas com deficiência na igreja nos lembra que somos aceitos por Deus por causa do seu amor, apesar das nossas fraquezas, fragilidades e incapacidades.

Deus não se revelou por meio teorias complexas às pessoas de mente iluminada. Se assim fosse, um deficiente intelectual jamais poderia experimentar o amor de Deus. Citando John Swinton, Beates⁷⁰ traz belíssima reflexão:

(...) é na qualidade de nossos relacionamentos, em oposição à quantidade de nosso intelecto, que a imagem (de Deus) é restaurada. Da mesma forma que as escrituras revelam Deus se acomodando às inadequações da humanidade ao longo da história, (...) Ele também se acomoda na comunicação do amor para pessoas com deficiência cognitiva por meio de relacionamentos amorosos (...) Simplificando, atitudes amorosas revelam uma divindade amorosa, e se as experiências de pessoas com deficiência cognitiva ajudam a desenvolver uma confiança que elas estão em um relacionamento que é fundamentalmente amoroso e acolhedor, então o Evangelho cristão foi pregado de forma experiencial e eficaz.

O trabalho é árduo, mas Deus capacita sua igreja, garantindo a ela vitória. E, diante deste grande desafio, as palavras ditas a Moisés continuam vivas:

Disse-lhe o Senhor: “Quem deu boca ao homem? Quem o fez surdo ou mudo? Quem lhe concede vista ou o torna cego? Não sou eu, o Senhor? Agora, pois, vá; eu estarei com você, ensinando-lhe o que dizer. (BÍBLIA. Êxodo 4.11-12, Nova Versão Internacional - São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001).

⁷⁰ BEATES, Michael S. Disability and the Gospel: How God Uses Our Brokenness to Display His Grace. Crossway, 2012. Edição eletrônica. Tradução livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITKEN, Eleny Vassão de Paula. Cuidando de quem cuida: O cuidado de Deus para com o cuidador de enfermos. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. Edição eBook Kindle.

ALMEIDA, Marcos de. João: a vida eterna pela fé no λόγος encarnado. Apostila Teologia do Novo Testamento Evangelhos e Atos - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2022.

ARANHA, Maria Salete. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. Revista do Ministério Público do Trabalho, Brasília, ano XI, n.21, 2001.

BEATES, Michael S. Disability and the Gospel: How God Uses Our Brokenness to Display His Grace. Crossway, 2012.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. São Paulo e Barueri, Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA DE ESTUDO NAA. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2023.

BOOR, Werner de. Comentário Esperança, Evangelho de João. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

BRASIL – CÂMARA DOS DEPUTADOS. Terminologia sobre Deficiência na Era da Inclusão. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inclusao>>. Acesso em 19/05/2025.

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 dez. 1940.

BRASIL. Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em 01/05/2025.

BRUCE, F. F. João: introdução e comentário. Traduzido para o português por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1987. (Série Cultura Bíblica).

CARTWRIGHT, Mark. Hefesto. Traduzido por Joana Ribeiro. World History Encyclopedia. 2019. Disponível em <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-10802/hefesto/>>. Acesso em 18.05.2025.

CARVALHO, Guilherme Augusto de. O problema do mal em Agostinho e o Paradoxo de Epicuro. Revista Teologia Brasileira. São Paulo. Número 105, Ano 2024.

CHAMPLIN, Russell Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. São Paulo: Hagnos, 2013.

FRANÇA, Tiago Henrique. A normalidade: uma breve introdução à história social da deficiência. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 6 Nº 11. Julho de 2014.

HENDRIKSEN, William. João. trad. Jonathan Luís Hack, 2ª edição, Comentário do Novo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014.

HUME, David. Diálogos sobre a religião natural. Salvador: EDUFBA, 2016.

HUNGRIA, Nelson. Comentários ao Código Penal. Rio de Janeiro: Forense. 1958. v I.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022, p. 3-4. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102013_informativo.pdf>. Acesso em 01/05/2025.

IASULAITIS, Ernesto G. Jesus Cristo, o Capelão por Excelência. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.

KELLER, Timothy. A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LIDÓRIO, Ronaldo. Não há morte sem dor: uma visão antropológica sobre a prática do infanticídio indígena no Brasil. In: SOUZA, Isaac Costa de; LIDÓRIO, Ronaldo (Org.). A questão indígena, uma luta desigual: missões, manipulação e sacerdócio acadêmico. Viçosa, MG: Ultimato, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. João: As Glórias do Filho de Deus, org. Juan Carlos Martinez, 1ª edição, Comentários Expositivos Hagnos. São Paulo: Hagnos, 2015.

MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. O problema do mal e do sofrimento: uma abordagem intelectual e pastoral. Revista Teologia Brasileira. São Paulo. Número 42, Ano 2015.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Disability – Health Topics. Disponível em <https://www.who.int/health-topics/disability#tab=tab_2>. Acesso em 01/05/2025.

PACHECO, Kátia Monteiro De Benedetto e Alves, Vera Lucia Rodrigues. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. Revista Acta Fisiátrica. 2007.

PACTO DE LAUSANNE. A missão da igreja no mundo de hoje: principais palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausanne, na Suíça. São Paulo: ABU, 1982.

PASTOR DIZ QUE NASCIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS SERIA O 'DIABO VISITANDO VENTRE' DE MÃES. Jornal O Globo, 18/07/2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/07/18/pastor-diz-que-nascimento-de-criancas-autistas-seria-o-diabo-visitando-ventre-de-maes-video.ghtml>>. Acesso em: 19/05/2025.

PETERLEVITZ, Luciano R. Maldição hereditária: uma análise teológica. Revista Teologia Brasileira. São Paulo. Número 73, Ano 2019.

RAMIRO, Elana Costa. Educação cristã e inclusão. Apostila Educação cristã - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2022. (material não publicado).

RHODES, Ron. Por que Coisas Ruins Acontecem se Deus é Bom. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ROMEIRO, Paulo. Decepcionados com Graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SANTA CATARINA – TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO - Acessibilidade e inclusão: caminho para uma sociedade justa e solidária. Disponível em <<https://portal.trt12.jus.br/sites/default/files/2021-03/Cartilha.pdf>>. Acesso em 19/05/2025.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. O problema do mal no antigo testamento: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

SHEDD, Russell P. A Solidariedade da Raça - O Homem Em Adão E Em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SOUSA, Rodrigo Franklin de. Isaías, in Comentário Bíblico Latino-Americano, org. C. René Padilla et al., trad. Cleiton Oliveira et al., 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

TADA, Joni Eareckson; Mazza, Doug; Bundy, Steve. Bíblia além do sofrimento. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

TAYLOR, William Carey, Dicionário do Novo Testamento Grego (Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 2011).

TRADIÇÃO INDÍGENA FAZ PAIS TIRAREM A VIDA DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA. Fantástico. Rede Globo, 7 dez. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/tradicao-indigena-faz-pais-tirarem-vida-de-crianca-com-deficiencia-fisica.html>>. Acesso em: 18 maio 2025.

VICEDOM, Georg. A missão como obra de Deus: Introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

YANCEY, Philip. Onde está Deus quando chega a dor? São Paulo: Editora Vida, 2005.